

**DECOLONIZAÇÃO NO BRASIL:** um recorte baseado na obra casa-grande e senzala de gilberto freyre

**DECOLONIZATION IN BRAZIL:** an interview based on the work casa-grande e senzala by gilberto freyre

**DESCOLONIZACIÓN EN BRASIL:** una entrevista a partir de la obra casa-grande e senzala de gilberto freyre

**Bruno da Silva**  
Faculdade INSTED

**João Carlos de Oliveira**  
Faculdade INSTED

**Luana Caroline Delarole**  
Faculdade INSTED

**Rubens Moraes da Costa Marques**  
Faculdade INSTED

**RESUMO:** O presente artigo almeja uma abordagem conceitual do pensamento decolonial, que busca romper com as colonialidades vividas pelos povos não europeus, esta abordagem epistêmica vem sendo desenvolvida principalmente por estudiosos latino-americanos da decolonialidade. Na aventura brasileira, embasa-se tal desígnio na produção da historiografia nacional contida na vasta obra *Casa-Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre. Este trabalho analisa o processo de ocupação do país, na leitura do ensaio de Freyre, que inaugura a identidade nacional baseada na miscigenação das três raças. O livro publicado em 1933, *Casa-Grande e Senzala*, faz uma exposição sobre a formação da identidade brasileira, com as afirmações baseadas nos estudos e pesquisas. A especificidade e singularidade do processo de colonização da "terra brasilis", embasado preponderantemente na miscigenação, na interação cultural e no legado das identidades dos negros, índios e portugueses, povo miscigenado da Europa. Nesse sentido, tratou-se de confrontar a produção autoral do escritor acerca da antropologia nacional e a participação dos diversos povos no caldo cultural brasileiro.

**PALAVRAS-CHAVE:** Decolonialidade. Casa-Grande Senzala. História do Brasil.

**ABSTRACT:** This article aims at a conceptual approach to decolonial thinking that seeks to break with the colonialities experienced by non-European peoples, this epistemic approach has been developed, mainly by Latin American scholars of decoloniality. In the Brazilian adventure, this purpose is based on the production of national historiography contained in the vast work *Casa-Grande e Senzala*, by Gilberto Freyre. This work analyzes the process of occupation of the country, in the reading of Freyre's Essay, which inaugurates the national identity, based on the miscegenation of the three races. The book published in

1933, Casa-Grande e Senzala, presents an exposition on the formation of Brazilian identity, with statements based on studies and research. The specificity and singularity of the process of colonization of "terra brasilis", preponderantly based on miscegenation, cultural interaction and the legacy of the identities of blacks, Indians and Portuguese, mixed-race people of Europe. In this sense, it was a question of confronting the writer's authorial production about national anthropology and the participation of different peoples in the Brazilian cultural melting pot.

**KEYWORDS:** Decoloniality. Casa-Grande Senzala. History of Brazil.

**RESUMEN:** Este artículo tiene como objetivo una aproximación conceptual al pensamiento decolonial que busca romper con las colonialidades vividas por los pueblos no europeos, esta aproximación epistémica ha sido desarrollada, principalmente, por estudiosos latinoamericanos de la decolonialidad. En la aventura brasileña, ese propósito se fundamenta en la producción de historiografía nacional contenida en la vasta obra Casa-Grande e Senzala, de Gilberto Freyre. Este trabajo analiza el proceso de ocupación del país, en la lectura del Ensayo de Freyre, que inaugura la identidad nacional, a partir del mestizaje de las tres razas. El libro publicado en 1933, Casa-Grande e Senzala, presenta una exposición sobre la formación de la identidad brasileña, con declaraciones basadas en estudios e investigaciones. La especificidad y singularidad del proceso de colonización de la "terra brasilis", basado preponderantemente en el mestizaje, la interacción cultural y el legado de las identidades de negros, indios y portugueses, mestizos de Europa. En ese sentido, se trataba de confrontar la producción autoral del escritor sobre la antropología nacional y la participación de diferentes pueblos en el crisol cultural brasileño.

**PALABRAS CLAVE:** Decolonialidad. Casa-Grande Senzala. Historia de Brasil.

## **INTRODUÇÃO**

A emergência do tema da decolonialidade nos estudos da América Latina permite abrir espaços para abordagens não vinculadas a um saber de caráter universalista. O conhecimento do conceito decolonial reflete a colonização, como etapa histórica não superada, é o estudo de ideias e conceitos que vem ao encontro da atual nomenclatura amplamente difundida nas humanidades: de decolonização.

Julgamos pertinente o esclarecimento de COLAÇO (2012), ao utilizar o termo "decolonial" e não "descolonial". O conceito em inglês é decoloniality; sobre esse termo existe um consenso entre os autores vinculados a essa perspectiva de estudo. Na tradução para espanhol e português não há uma posição unânime. Entretanto, a autora prefere utilizar o termo "decolonial", suprimindo o "s" para marcar uma distinção com o significado de descolonizar. A

intenção não é desfazer o colonial ou revertê-lo, e sim, superar o momento colonial pelo momento pós-colonial.

O pensamento decolonial intenta uma abordagem crítico-científica acerca da colonialidade, das relações de poder e conhecimento. A teoria crítica da cultura dos direitos humanos com ênfase nas particularidades da colonização espanhola da América Latina onde o Brasil tem uma ótica *sui generis* onde os saberes dos indivíduos, grupos e comunidades foram valorizados pelos portugueses. Atualmente tem-se procurado retomar proposições histórico-sociais na produção científica, na memória e no imaginário latino-americano. Nossa sociedade profundamente diferente dos países anglo-saxônicos. Gilberto Freyre sofreu influência de Franz Boas e sua antropologia culturalista.

O livro *Casa-Grande & Senzala*, é um clássico do pensamento social brasileiro. O autor é enfático ao abordar a formação da sociedade brasileira sob o contexto da miscigenação de portugueses, dos escravos negros das nações africanas e dos povos indígenas que aqui habitavam à época. O autor defende os modos de ser do português católico em contraposição ao protestante inglês. Enfatiza a miscigenação de raças que formou o povo brasileiro, advindo do contato transcultural. A mistura de raças é essencial para a edificação da cultura que cada povo possui em seu modo de ser, esta é a tese central da obra aqui analisada.

*Casa-Grande & Senzala* discorre sobre a herança da experiência colonial para o estabelecimento das relações políticas e da dinâmica dos arranjos no intercâmbio cultural. A abordagem da mestiçagem enfrenta o fardo das discussões raciais da época, como um traço positivo da identidade nacional brasileira. Trata-se de um ensaio de valor científico e literário, que busca as origens do Brasil no latifúndio escravocrata e na família patriarcal rural.

O pensamento decolonial intenta uma abordagem crítico-científica acerca da colonialidade, das relações de poder e conhecimento. A teoria crítica da cultura dos Direitos Humanos, com ênfase nas particularidades que distingue as colonizações espanholas da América Latina e as colônias inglesas, no Caribe e América do Norte,

apontam que no Brasil uma ótica *sui generis*, os saberes dos indivíduos, grupos e comunidades foram incorporadas, mais do que anulada, pelos portugueses, essa ideia é apontada na obra Casa-Grande Senzala. Atualmente, tem-se procurado retomar proposições histórico-sociais na produção científica, na memória e no imaginário latino-americano, tais proposições são objeto do episteme do decolonialismo. Importante também acrescentar que Gilberto Freyre sofreu influência de Franz Boas e sua antropologia culturalista. Boas, crítico do nazismo e da ideologia ariana tem uma noção biologista de etnias e uma convicção.

## **DESENVOLVIMENTO**

Atualmente nas humanidades, em círculos acadêmicos e científicos, têm-se pontuado a nomenclatura decolonialidade ou pensamento decolonial. O conceito, introduzido pelo movimento intelectual latino-americano emergente, tem o objetivo de libertar a produção de conhecimento da episteme eurocêntrica. As perspectivas decoloniais veem essa supremacia como sendo a base do imperialismo ocidental daí reiteradamente o intuito da deseuropeização.

Destaca-se que, a expressão “decolonial” não pode ser confundida com “descolonização”. Em termos históricos e temporais, esta última indica uma superação do colonialismo; por seu turno, a ideia de decolonialidade indica transcender a colonialidade, que permanece até os dias de hoje em um padrão mundial de poder. Cunhada pelo grupo Modernidade/Colonialidade, a decolonialidade nos anos 2000 e que pretende inserir a América Latina de uma forma mais radical e posicionada no debate pós-colonial. (Colaço, 2012).

Para interpretação de informação científica e geradora de novo conhecimento, capaz de constituir-se a partir de onde está o pesquisador, distante do eixo central da tradicional episteme acadêmica, mas sem dela preterir. Nesse sentido, Nolasco (2015) cita Mignolo ao observar que o espanhol e o português, da América do Sul, têm a mesma gramática que Espanha e Portugal; no entanto os corpos que as falam habitam memórias diferentes, e diferentes concepções e

sensibilidade. As pesquisas e o "fazer científico" propostos, afirma Nolasco: "desse lócus específico de uma exterioridade fronteiriça que compreende minha vivência, minha experiência e implica meu pensar, meu fazer e meu sentir." (Nolasco, 2018)

Intenta-se aqui, na leitura do tema decolonialismo no Brasil, baseado na obra *Casa-Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre, por tratar da colonização da terra brasileira pelos portugueses. O livro publicado em 1933, *Casa-Grande e Senzala*, inaugura uma exposição sobre a formação da identidade brasileira, com as afirmações baseadas nos estudos e pesquisas realizadas por Gilberto Freyre, cujas fontes utilizadas foram datadas, na medida que as influências racialistas e genetistas estavam em voga para as ciências ou disciplinas de conhecimento, portanto, o distanciamento para não incorrer imediatamente em juízos contemporâneos e aplicar aos anos em que foi escrito o livro, em anacronismo.

O Brasil é uma ilha idiossincrática no continente americano, não apenas pela diferença do idioma, o português, mas, antes, pelo processo de ocupação do território, diferente, por exemplo, da ocupação hispânica da América. Por idiossincrasia, entende-se a maneira própria de "se" colonizar, de realizar a ocupação do território e organizar as diferenças dos povos, ou grupos de origens diferentes, domínio não baseado apenas na violência, como diz Gilberto Freyre. (p. 32). Já sobre a ideia de ilha faz a comparação com um oceano colonial. O autor realiza uma apresentação da formação da identidade brasileira para o círculo das nações da época.

Nolasco (2012) questiona, de forma oportuna: sobre a invenção do 'outro', senão o 'mesmo' no processo de construir-se a si mesmo? Tal invenção é o resultado de um enunciado. Um enunciado que não nomeia uma entidade existente, mas que a inventa. Na verdade, subjacente ao que diz Mignolo, se desenha o mundo da *exterioridade*, mundo esse no qual aquele que não existia passou a existir.

Sobre as hibridações, o contexto das diferenças são elencadas a partir de análises trazidas pelos primeiros povoadores, que não sendo das mesmas tradições e tendências rurais, nem dos mesmos recursos pecuniários dos colonizadores de Pernambuco, de maneira que o autor apresenta a localização de sua atenção ao

colonizador português, e observando as características do africano como o capital do senhor de engenho, e já ao indígena uma exaltação lírica, mistura de símbolos e místicas, com as atividades religiosas, assim também ocupa nas descrições da arquitetura da casa-grande e da senzala, passando pelas casa da cafeicultura, como as de minas, dando um caráter totalizante, homogeneizando a hibridação a partir do que chamou de miscigenação, e dela exaltou o papel de promover a diminuição das distâncias sociais entre as raças. (FREYRE, 1984. Pág. 91).

Uma circunstância resta-nos pontuar na ocupação brasileira: a de não se ter transcorrido no sentido da europeização. Em vez de dura e inóspita, rangendo do esforço de adequar-se a condições inteiramente diferentes, a cultura europeia interagiu com a indígena, abrandada pela mediação africana. A negação enfática da violência, encontra contradição, corresponde à descrição do autor adiante no mesmo ensaio, por exemplo diz que a sociedade se desenvolveu menos pela consciência de raça, quase nenhuma do português cosmopolita e plástico- do que pelo exclusivismo religioso desdobrado em sistema de profilaxia social e política. Menos pela ação oficial do que pela mão e a espada particular. (Freire, p.32)

O próprio sistema jesuítico - talvez a mais eficiente força de europeização técnica e de cultura moral e intelectual, a agir sobre as populações indígenas; (...) êxito no Brasil dos primeiros séculos foi na parte mística, devocional e festiva do culto católico. (...) Elementos, muitos desses, embora a serviço da obra de europeização e de cristianização, impregnados de influência animística ou fetichista vinda talvez da África. (FREYRE, 1984, pág. 52)

As especificidades da colonização brasileira pelos portugueses têm características da expansão ultramarina, do mercantilismo e do enfrentamento com o novo mundo, onde o colonizador não estava em condição de marinheiro-de-primeira-viagem, segundo Gilberto Freyre, o caso do Brasil, foi um fenômeno do século XVII, o colonizador trazia mais a seu favor e da nova colônia, toda a riqueza e extraordinária variedade de experiências acumuladas durante o século XV, na Ásia e na África, na Madeira e em Cabo Verde.

Entre tais experiências, o conhecimento de plantas úteis, alimentares e de gozo que para aqui seriam transplantadas com êxito, o de certas

vantagens do sistema de construção asiático, adaptáveis ao trópico americano, o da capacidade do negro para o trabalho agrícola. (FREYRE, 1984, pág. 22)

O autor pondera que esse enfrentamento com as peculiaridades do ambiente, e da cultura dos povos locais, direcionou a forma da ocupação e exploração das novas terras, de imediato, distintas das colônias de Espanha. A vocação agrária não estava prevista, foi decorrência. Considerando o elemento colonizador português em massa, não em exceções - tipo perfeito de grande agricultor - pode dizer-se que seu ruralismo no Brasil não foi espontâneo, mas de adoção, imposto pelas circunstâncias. Para os portugueses o ideal teria sido não uma colônia de plantação, mas outra Índia com que comerciassem em especiarias e pedras preciosas; ou um México ou Peru de onde pudessem extrair ouro e prata. Ideal semita.

As circunstâncias americanas é que fizeram do povo colonizador de tendências menos rurais ou, pelo menos, com o sentido agrário mais pervertido pelo mercantilismo, o mais rural de todos: do povo que a Índia transformara no mais parasitário, o mais criador. Entre aquelas circunstâncias avultam imperiosas: as qualidades e as condições físicas da terra; as condições morais e materiais da vida e cultura de seus habitantes. (Freyre, 1984, pág. 23-24).

Portugal encontra assentamentos de caçadores coletores e não impérios. Segundo o autor, Terra e homem estavam em estado bruto. Suas condições de cultura não permitiam aos portugueses vantagem comercial que viabilizasse o por eles mantido com o Oriente.

Nem reis de Cananor nem sobas de Sofala encontraram os descobridores do Brasil com que tratar ou negociar. (...) Nas suas mãos não cintilavam pérolas de Cipango nem rubis de Pegu; nem ouro de Sumatra nem sedas de Catar lhes abrilhantavam os corpos cor de cobre, quando muito enfeitados de penas; os pés em vez de tapetes da Pérsia pisavam a areia pura (FREYRE, 1984, pág.24).

Gilberto Freyre narra que os indígenas possuíam características de nomadismo. Animal doméstico ao seu serviço não possuíam nenhum. Agricultura, umas ralas plantações de mandioca ou mindubi, de um ou outro fruto. É a partir da chegada do colonizador, o encontro, que a origem do denominado "caboclo" indica a relação de português e índio, ligação primordial da miscigenação, início do intercâmbio étnico.

Se nativos de tão boa aparência de saúde falharam, uma vez incorporados à economia do colonizador é que foi para eles avassaladora a passagem do nomadismo ao sedentarismo, do trabalho esporádico ao contínuo; alterou-se tragicamente o metabolismo ao novo ritmo de economia e de desempenho físico.

Principia a devassidão que segue ritmos diversos, de um enfoque conforme a diferença do *lócus* de cultura humana ou de fartura da terra entre os índios. Extrema entre os incas e astecas e mínima nos contornos do continente; de outro lado, segundo as disposições e expedientes colonizadores do povo invasor ou usurpador.

Os espanhóis apressam entre os incas, astecas e maias a dissolução dos valores nativos na fúria de destruírem uma cultura (...) os puritanos ingleses querendo conservar-se imaculados do contato sexual e social de povos que lhes repugnavam pela diferença de cor e de costumes e que evocavam à sua consciência de raça e de cristãos o espantinho da miscigenação e do paganismo dissoluto. (FREYRE, 1984, p. 89)

O reflexo do domínio europeu, no orbe da cultura ameríndia acometida pelos portugueses, foi a de pura empatia ou estreitamento vegetal, o índio retraindo-se ou abatendo-se ao enfrentamento civilizador do europeu por inaptidão de inserir-se à nova técnica cabedal e ao inédito regime social e moral. Mesmo quando se agravou em inimigo, o primitivo foi vegetal na agressão: quase simples elemento da floresta. Não existiu capacidade técnica ou política de reflexo que excitasse no branco o extermínio característico de Espanha no Peru e no México.

Ao descrever as virtudes da cultura portuguesa em paralelo ou em confronto as dimensões de europeu, aos que vieram da mata tropical e os negros da África, defende como epíteto a miscigenação, que viria diminuir distâncias sociais. Numa sociedade agrária na estrutura, escravocrata na técnica de exploração econômica e híbrida na composição, com a miscibilidade de português (branco) europeu, índio e negros. Estabelecendo um conceito de unidade nacional através da identidade brasileira.

Explica-se assim (...) cultura americana pobre, que era a da floresta tropical, do que da rica, dos metais: a das duas semicivilizações duras, compactas, hieráticas, que se despedaçaram sob a invasão espanhola e sob o domínio católico, para só quatro séculos depois seus



fragmentos, reunidos, irem de novo formando um todo não-europeu e original. (FREYRE, 1984, p. 90).

Mesmo engendrada artificialmente, a civilização dos autóctones do Brasil foi obra exclusiva dos padres jesuítas.

"Sem os jesuítas a nossa história colonial não seria outra coisa senão uma cadeia de atrocidades sem nome, de massacres como os das Reduções; o país seria cortado de estradas, como as que iam do coração da África aos mercados das costas, por onde só passavam as longas filas de escravos". (FREYRE, 1984, p. 148).

Do indígena herdara-se a parte feminina da cultura. Em sua organização técnica, mais complexa, o homem limitava-se à caça e à pesca, a remar e a guerrear. Atividades de valor secundário no novo arranjo econômico - e agrário pactuado pelos portugueses na América. Tal ordem econômica precisava, essencialmente, de enxada para os canaviais. Trabalhador sedentário e não nômade. Em se tratando de um estudo sobre a formação da identidade brasileira com eixos no patriarcado dos senhores de engenho, essa herança tem um apelo ao hierárquico.

Entre culturas de interesses e tendências tão antagônicas era natural que o contato se verificasse com desvantagem para ambas. Apenas um conjunto especialíssimo de circunstâncias impediu, no caso do Brasil, que europeus e indígenas se extremassem em inimigos de morte, antes se aproximassem como marido e mulher, como mestre e discípulo, daí resultando uma degradação de cultura por processos mais sutis e em ritmo mais lento do que em outras partes do continente. ((FREYRE, 1984, p. 159).

O português é explicitado como figura vaga, onde falta-lhe a moldura que o individualize entre os imperialistas contemporâneos. Traça-se um paralelo à do espanhol e do Inglês. Um inglês sem as rígidas determinantes puritanas. Um castelhano sem o ardor belicoso nem a liturgia teatral do conquistador do México e do Peru.

O autor de Casa-Grande e Senzala demonstra que houve autores que descreveram um jeito ou uma forma de reconhecimento de *ethos* português, e não agradável aos patrícios ou patrióticos, de maneira que as dimensões de miscibilidade e plástica/ou adaptabilidade, seriam virtuosas na incorporação e interação com as diferenças, entre portugueses, negros e indígenas. Contornando

antagonismos e reiterou a formação socioeconômica pelo colonizador português que em não tendo a extração dos recursos naturais, como a de minérios inicialmente, fazer riquezas com a produção realizada pelo trabalho escravo.

O menos cruel nas relações com os escravos. É verdade que, em grande parte, pela impossibilidade de constituir-se em aristocracia europeia nos trópicos: escasseava-lhe para tanto o capital, senão em homens, em mulheres brancas. Mas independente da falta ou escassez de mulher branca o português sempre pendeu para o contato voluptuoso com mulher exótica. Para o cruzamento e miscigenação. Tendência que parece resultar da plasticidade social, maior no português que em qualquer outro colonizador europeu. (FREYRE, 1984, p. 189).

Entretanto, a engrenagem da colônia, feudal em essência, sem a inibição do espanhol, a priori frouxo, condescendente, deixando as colônias quase autônomas.

Pode-se antes afirmar que tais condições concorreram no Brasil para que as colônias se conservassem unidas e dentro do parentesco, da solidariedade assegurada pelas tendências e pelos processos da colonização portuguesa: regionalista, mas não separatista; unionista no melhor sentido, no que justamente coincidia com o interesse da catequese católica. (FREYRE, 1984, p. 30 – 31)

As condições físicas no Brasil poderiam ter determinado o aprofundamento a extremos perigosos das intolerâncias regionais. Condições físicas não definiram senão de forma branda no ímpeto separatista, por meio de diferenças, concebíveis, todavia, não definidoras, de clima e de categoria física e química de solo; de esquematização de alimentação e de feição de cultura agrícola.

Ainda assim o Brasil é dos países americanos onde mais se tem salvo da cultura e dos valores nativos. O imperialismo português - o religioso dos padres, o econômico dos colonos - se desde o primeiro contato com a cultura indígena feriu-a de morte, não foi para abatê-la de repente, com a mesma fúria dos ingleses na América do Norte. Deu-lhe tempo de perpetuar-se em várias sobrevivências úteis. (FREYRE, 1984, p. 159).

Evidencia-se pelo processo de ocupação de áreas de dimensão continental, como é o Brasil, que não houve o genocídio das populações nativas, antes, a miscigenação que nos legou nossas identidades nacionais marcadas pela presença cultural do português europeu, dos indígenas americanos e dos negros africanos, com intercâmbio visceral entre os partícipes dessa epopeia.

Portanto, as reflexões sobre colonizador, colonizado e território, constituem a História e o Mito numa busca de confirmação de identidade brasileira, com a indefinição de fronteiras que por ventura os separem, reúnem-se numa original formação social, econômica e política. A hierarquização com o domínio patriarcal dos donos das Casas-Grandes, bem distinto a dos escravos que viviam nas senzalas ou indígenas.

Assim como aqueles que estavam fora do abrigo dos senhores de engenho, das minas e dos cafeeiros: os caboclos, a gente da terra, que tinham em proporção quantitativa a mesma das populações, de um lado a Casa-Grande e a Senzala, as famílias e seus escravos, e de outro lado, os chamados caboclos, ou gente da terra, sem serem escravos nem da família dos senhores donos de terras e dos escravos.

Enfim, a chamada identidade nacional, unidade da composição racial, reconhecendo com mérito o papel do mestiço na formação do padrão brasileiro (Freyre, 1984). Considerando o pensamento decolonial, na leitura da obra analisada, veremos no lugar da ausência, a presença silenciada do sujeito colonizado e escravizado e assim, veremos no lugar do sujeito passivo, o sujeito ativo; assim o sujeito histórico reclamado pela decolonização denuncia esse silenciamento, visto na obra.

## **CONCLUSÃO**

A decolonialidade e a emergência dos saberes locais são a intenção, não de desfazer o colonial ou revertê-lo, mas superar o momento colonial pelo momento pós-colonial. A intenção é provocar um posicionamento contínuo de transgredir e insurgir. O decolonial implica, portanto, uma luta contínua. A opção decolonial é uma busca de ecoar os silêncios de vozes de grupos e institucionalidades na órbita epistêmica, ou seja, ela se desvincula dos fundamentos genuínos dos conceitos ocidentais e da acumulação de conhecimento acadêmico eurocêntrico. Desvinculamento epistêmico não significa

abandono ou ignorância do que já foi institucionalizado por todo o planeta, assegura o pensamento decolonial.

Neste trabalho, realizamos uma leitura do livro *Casa-Grande & Senzala*, buscando a aplicabilidade desta nova forma de pensamento. A escolha da obra deu-se, por tratar de um clássico do pensamento social brasileiro, o autor é enfático ao abordar a formação da sociedade brasileira sob o contexto da miscigenação de portugueses, dos escravos negros das nações africanas e dos povos indígenas.

*Casa-Grande & Senzala* discorre sobre a herança da experiência colonial portuguesa para o estabelecimento das relações sociais, econômicas e políticas na dinâmica dos arranjos de intercâmbio cultural. A abordagem da mestiçagem enfrenta o as tendências das discussões raciais da época, como um traço positivo da identidade nacional brasileira. Trata-se de um ensaio de valor científico e literário, que busca as origens do Brasil, no latifúndio escravocrata e na família patriarcal rural.

A percepção dos antagonismos perpetrados pela situação colonial passou a proporcionar aos intelectuais de terras colonizadas um pensamento emancipatório e descolonizador das epistemologias, ao mesmo tempo, neste trabalho buscou-se analisar a obra *Casa-Grande e Senzala* que, considerando as contingências da época, a forma como foi construída a obra, o significa dizer que Gilberto Freyre respondia a provocações de sua época, e ainda, o autor transitou no percurso da escrita de seu Ensaio entre ouvir negros e indígenas ao mesmo tempo em que se inspirava em expoentes intelectuais da época.

Assim, concluímos que o vigor do pensamento intelectual encontra-se, talvez, exatamente, neste esforço de avançar na construção do novo e interpretar as realidades possíveis e reais que constituem a nossa história. Certamente, muitas leituras serão possíveis frente ao pensamento decolonial e a obra aqui analisada, obra essa, fundamental e estruturante da cultura brasileira, mesmo considerando todas possibilidades das novas leituras que virão.

## REFERÊNCIAS

COLAÇO, Thais Luiza. *Novas perspectivas para a antropologia jurídica na América Latina: O Direito e o pensamento decolonial*. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2012.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. 23ª Edição. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio S.A, 1984.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. 7ª edição. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

NOLASCO, Edgar César. "DESCOLONIZANDO A PESQUISA ACADÊMICA: uma teorização sem disciplinas". *Cadernos de Estudos Culturais. Campo Grande*. v1, p.9-21, jan/jun.2018. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/7725/5545>. Acesso em: 08 nov. 2021.